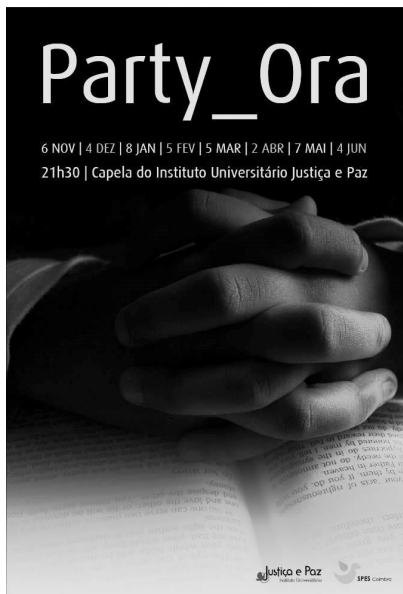


## COMER, ESTUDAR E... REZAR

Hugo Mendes\*



\*aluno de Ciências Farmacêuticas

Esta altura do ano é a predilecta para as pessoas (re)começarem projectos, aventurarem-se em novos mundos e prometer mudanças radicais nas suas vidas. Para a maioria dos estudantes significa também o começo da época de exames. Esta é altura de avaliar o que foi feito nos últimos meses. É hora de pegar nos nossos apontamentos, sebtas e livros e começar a estudar. É comum ver inúmeros estudantes em bibliotecas e salas de estudo num esforço final para alcançar os seus objectivos. Nestas épocas é comum dedicar tanto tempo aos estudos que acabamos por descurar as relações interpessoais, que deixamos de dedicar parte do nosso tempo aos que nos rodeiam e que amamos. O tempo para eles (e para Deus) diminui em prol dos objectivos lectivos a que nos propomos.

Surge então uma questão essencial: não será mais fácil alcançar esses objectivos quando acompanhados?

Não custa muito “perder” (que no fundo é ganhar) algum tempo do estudo a conversar com Deus, a conversar com um amigo, a ouvir e apoiar alguém que precisa do nosso apoio. Tenho eu sido um bom companheiro? Ou tenho olhado só para o meu umbigo?

O SPES propõe-te que uses um pouco do teu tempo de estudo para estar com Deus através da Party.Ora: uma oração mensal, depois de jantar, onde, através de dinâmicas e sugestões incomuns o SPES te convida a avaliares aquilo que tens feito. Um momento de pausa, encontro e reflexão de onde saímos reforçados para “atacar” os nossos objectivos.

## em agenda

### FEVEREIRO

5 Party\_Ora (Capela do IUJP 21h30| SPES)  
10 Bioética em Discussão (Fac. Farmácia| 18h30 | SPES\_Saúde)  
12 Cinema e Espiritualidade (Casa das Caldeiras | 21h30 | TEAR)

19 Cinema e Espiritualidade (Casa das Caldeiras | 21h30 | TEAR)20 Curso Bíblico (Auditório do IUJP | 21h15 | PDF)  
26 Cinema e Espiritualidade (Casa das Caldeiras | 21h30 | TEAR)  
28+1,2MAR Peregrinação a Fátima (SPES)



# trólei

sdpu • coimbra • n 39 • ano VI • 19 jan • 2013

## AVALIAÇÕES

Entrevista ao Professor Doutor Rui Mendes, Presidente da Escola Superior de Educação de Coimbra

Que importância é dada à avaliação no Ensino Superior e que novo paradigma de exigência é preconizado por Bolonha?

A avaliação do ensino superior é uma mais-valia que nos vieram impor, ou seja, a avaliação dos cursos, tal como está concebida, veio criar um dinamismo nas instituições que é extremamente favorável, talvez seja uma mudança substancial que irá tentar remediar os erros que tivemos nos últimos anos. Essa avaliação vai permitir uma análise interna das instituições em relação aos cursos que leccionam, aos professores que têm, às metodologias que utilizam e portanto isso obriga a melhorias internas que de outra forma não seriam feitas.

De que forma a avaliação externa, veio introduzir a nível interno nova reflexão sobre a importância das metodologias dos docentes na avaliação dos estudantes?

O efectivo acompanhamento de trabalhos realizados por estudantes e a sua defesa pública é do ponto de vista do enriquecimento dos estudantes muito maior do que a realização de um teste. Embora isso custe muito mais tempo ao professor de uma forma geral, esses trabalhos são feitos com um conjunto de regras bem definidas, não existindo qualquer dificuldade por parte do estudante em perceber como é avaliado, e são muito mais relevantes do que a realização de testes sucessivos. É evidente que há disciplinas onde um teste é inevitável e, na minha opinião, deve existir sempre dentro do possível em todas as disciplinas mesmo que seja para uma valorização pequena, isto é, que permita, quando isso é viável, diferenciar os estudantes, porque não podemos esquecer que há estudantes que têm melhores classificações, ou têm uma apetência maior para aspectos de estudo que implicam a memorização, outros que implicam outro tipo de competências, e essas competências têm que ser exploradas dentro da própria disciplina.

## E SE FOSSE DEUS A AVALIAR-NOS?

Pe. Paulo Simões\*

Num tempo em que se fala tanto de avaliação – época de exames, avaliação de professores, avaliação de instituições de ensino superior e dos seus ciclos de estudos pela A3ES – penso ser oportuna uma breve reflexão sobre a avaliação e o avaliar.

Avaliar é ponderar, estimar, apreciar, compreender, conhecer o valor. Assim, a avaliação nunca se resume à tarefa de classificar e, mais do que um resultado, tem de ser parte de um método, no seu sentido etimológico, isto é, um caminho para um depois. Quem pretende protagonizar um trilho de aprendizagem, ou quem tem a tarefa nobilíssima de educar, encontra na avaliação um importante instrumento na programação do futuro.

A avaliação, condicionada pelas categorias que me situam no presente, é observação em perspetiva e crítica do passado, através de um discernimento atento, e prospeto esperante do futuro. Intenta assim a construção de uma narrativa, unificada pela realização dos objetivos anteriormente identificados, ou fracassada pela dura realidade de um conjunto de fragmentos cujo sentido não se consegue desvelar. Assim, a nossa forma de olhar e descrever o mundo e o modo como observamos e representamos a nossa vida, encontram na linguagem e nas narrativas que elaboramos, na história que contamos, na avaliação que fazemos, uma forma de construir e projetar a própria realidade. Desmond Tutu, bispo anglicano da África do Sul, grande aliado de Mandela,

afirma: “A linguagem é muito poderosa. A linguagem não descreve apenas a realidade mas cria a realidade que descreve”.

Como nos avaliamos a nós próprios? E como será que Deus nos avalia? Talvez um caminho de resposta a esta última pergunta nos traga alguma luz sobre a primeira. A Bíblia fala-nos de avaliação a cada passo, desde as origens (gr. genesis) em que Deus olha o ser humano “acabadinho” de criar – «Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa» – até ao livro da Revelação (gr. apocalipsis): «Felizes os que lavam as suas vestes, para terem direito à árvore da Vida». Assim somos avaliados: «És precioso aos meus olhos; eu te estimo e te amo [...] Eis que Eu gravei a tua imagem na palma das minhas mãos. As tuas muralhas estão sempre diante dos meus olhos. Os que te vão reconstruir andam mais rápidos que os que destroem». Na pedagogia de Jesus encontramos os critérios para avaliar o nosso percurso: «Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?» Ela respondeu: «Ninguém, Senhor.» Disse-lhe Jesus: «Também Eu não te condeno. Vai e de agora em diante não tornes a pecar.»

Ao longo dos dias e no fim da vida, acredito que Deus não nos pede contas mas contos. Isto é, que lhe contemos as nossas histórias e que lhe deixemos ver a nossa narrativa, esperando que a sua última palavra de avaliação venha conferir-lhe a máxima unidade e o primordial sentido.

## TEMPO DE AVALIAÇÕES

Margarida Silva\*

No nosso dia a dia somos confrontados com situações do tipo: “ Hoje a torrada do pequeno-almoço não ficou muito boa” ou “ No domingo passado a Académica jogou bem melhor”. Estes dois exemplos, de algum modo estão relacionadas com a avaliação do que fizemos ou outros fizeram. Uma avaliação qualitativa ou comparativa, que todos nós sabemos fazer com relativa facilidade. Se tivermos de quantificar estas situações, poderemos encontrar algumas dificuldades. Esta dificuldade será ultrapassada se definirmos critérios aos quais atribuímos uma escala, com limites máximos e mínimos. No exemplo da torrada, se eu definir uma nota máxima, 10, correspondente ao tipo de pão, à consistência, temperatura e quantidade de manteiga que eu aprecio na torrada, e nota mínima, 0, para a situação oposta, já consigo atribuir uma classificação de 0 a 10 a uma dada torrada, e a outra e a outra, e assim ordená-las por ordem de satisfação dos critérios propostos. Provavelmente esta classificação não seria a mesma para outra pessoa, pois provavelmente, os critérios não coincidiriam com os meus por termos gostos distintos!

É fundamental na avaliação de conhecimento definir atempadamente critérios objetivos e fazê-los chegar a todos os que serão alvo da avaliação, para que estes se possam preparar adequadamente e melhorar os seus desempenhos. No final de cada semestre,

chega invariavelmente a época de exames para avaliar os conhecimentos transmitidos em várias aulas, ao longo de várias semanas de vários meses. O conhecimento deveria ser consolidado ao longo do semestre permitindo ao aluno adquirir as várias competências das unidades curriculares lecionadas nesse semestre. Um exame é apenas uma forma de quantificar a aquisição de conhecimentos, de um modo objetivo, onde todos os avaliados estão em condições de igualdade. Não será perfeita, pois centra num momento único o trabalho realizado ao longo de todo um semestre.

Na minha opinião e sobretudo na minha área de formação, Engenharia, sempre que possível, a avaliação por exame deverá ser complementada por outras formas de avaliação como realização de trabalhos e projetos, individuais ou em grupo, desenvolvidos ao longo do semestre, dentro e fora das aulas. Os trabalhos e projetos são sobretudo uma forma de aprender fazendo que deverá ser valorizado na avaliação final mas que não deverá substituir os exames, pois estes serão sempre um ato de avaliação individual.

Neste mês de janeiro e início de fevereiro é altura de estudar a pensar nos exames, pois eles estão aí, mas principalmente estudar para adquirir as competências necessárias para um melhor desempenho profissional futuro.

\*professora no ISEC

\* Coordenador do SDPU

ficha técnica  
**Participaram neste número** Pe. Paulo Simões,  
 Margarida Silva e Hugo Mendes  
**Redacção** Carlos Cardoso **Montagem Gráfica** Ana Filipa Santos  
**Director** Pe. Paulo Simões  
**Morada** Instituto Universitário Justiça e Paz, Couraça de Lisboa 30, 3000-434  
 COIMBRA, 961688343, 239822483, diretor.justicaepaz@gmail.com

missas

**[UJP]** de 3ª a 5ª às 19h30  
**[Sé Nova]** ao Domingo às 19h  
**[CUMN]** de 2ª a 5ª às 19h;  
 ao Domingo às 21h15 no Lar do Coração  
 de Maria  
**[Capela Univ]** Domingo às 12h